



## A TEOLOGIA DA CRUZ SEGUNDO JÜRGEN MOLTSMANN E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE EM DEBATE

(The Theology of the Cross according to Jürgen Moltmann  
and the Prosperity Theology under discussion)

### Fernando Cardoso Bertoldo

Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST/RS)  
Mestre em Teologia e Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul (PUC/RS)  
E-mail: nandobertoldo@hotmail.com

### RESUMO

Nos dias atuais, o avanço da Teologia da Prosperidade (TP) não pode não ser observado tendo em vista o número crescente de igrejas neopentecostais que adotam o princípio de um Deus Cristão diretamente vinculado às questões de prosperidade, uma vez que ser bem sucedido financeiramente requer a aprovação de um deus acionável e subserviente. Assim, surgem questionamentos sobre as diferenças existentes entre a TP e a conhecida Teologia da gratuidade encontrada na Bíblia. Concordamos com Moltmann ao assumir que a ressurreição não esvazia na cruz, mas a preenche de significado. A partir dessa perspectiva, percebemos que a relação com o Pai não é mais marcada pela onipotência, mas pela entrega e solidariedade no abandono, ou seja, a relação não é mais marcada pela disputa da onipotência, não é mais medida e orientada pelo narcisismo e pela privação como renúncia de instintos exigida pelo Deus da ilusão com vista a uma retribuição como justiça final, mas pela analogia.

**Palavras-chave:** Jürgen Moltmann; Teologia da Prosperidade; Teologia da Cruz; Debates teológicos.

### ABSTRACT

Nowadays, the advancement of the Prosperity Theology (PT) can't be not observed due to the growing number of neo-Pentecostal churches that adopt the principle of a Christian God directly linked to the issues of prosperity, once being financially successful requires the approval of a god actionable and subservient. Thus, questions arise about the differences between the TP and the well-known theology of gratuity found in the Bible. We agree with Moltmann's assumption that the resurrection does not get empty in the cross, but fills it with meaning. From this perspective, we perceive that the relationship with the Father is no longer marked by omnipotence, but by the helplessness surrender and solidarity, that is, the relationship is no longer marked by the contest of omnipotence, it is no longer measured and oriented by narcissism and by the deprivation as renunciation of instincts demanded by the God of illusion aiming a retribution as final justice, but by analogy.

**Keywords:** Jürgen Moltmann; Theology of Prosperity; Theology of the Cross; Theological Debates.



## INTRODUÇÃO

A TP (Teologia da Prosperidade) tem suas raízes nos EUA em meados dos anos 60 do séc. XX e chegou ao Brasil na década de 70, denominada como neopentecostalismo. Seu crescimento acelerado chama a atenção dos mais variados grupos religiosos, tendo em vista que atinge os mais variados grupos sociais, e assim atrai todos os segmentos sociais. A forma como a TP atua é bastante sedutora tendo em vista suas propostas de riqueza, saúde e prosperidade. Ela é bastante imediatista e não parte de um princípio transformador, tendo em vista que seus objetivos estão tão somente relacionados à construção de riqueza, saúde e prosperidade. Diante disso, questões centrais surgem sobre a natureza da TP: não se trata de uma mercantilização da fé?

A evolução da cristologia de Moltmann acaba culminando em uma visão do Deus Trino que sofre – não como uma divindade imóvel e impassível, mas em uma dinâmica de real relação entre o Pai e o Filho, cuja cruz é a base da argumentação teológica cristã<sup>1</sup>. Essa capacidade divina de sofrer implicaria a quebra do estereótipo teológico no qual Deus é apático ao sofrimento humano, contrariando, assim, a “guinada antropológica” que retrata a ordem cosmológica focando-se somente na humanidade, sem nenhum traço de divindade. De acordo com Moltmann, o homem que atinge a maturidade cristã torna-se a medida de si mesmo, e um espelho da própria divindade<sup>2</sup>. Deus torna-se prova subjetiva, necessária para conferir consistência à subjetividade humana. Dessa forma, a prova cosmológico-objetiva seria substituída por uma existencial-subjetiva<sup>3</sup>.

Para Moltmann, a crucificação de Cristo representa o abandono de Deus ao sofrimento humano, e a compreensão desse abandono conduziria os indivíduos a se libertarem das distorções religiosas, tendo em vista essa solidariedade de Deus com a dor humana. Essa perspectiva seria o fundamento da maturidade cristã, de acordo com Moltmann, que acredita serem a crucificação e a ressurreição fundamentos sólidos para a busca de sentido, tanto na história quanto na própria vida.

Ainda segundo Moltmann, o futuro de Deus é a origem criadora de todas as coisas na contingência da sua existência, e é, ao mesmo tempo, o último horizonte para o significado definitivo; é, portanto, a essência de todas as coisas e acontecimentos.<sup>4</sup> Para o autor, “Reino de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimentos. A vida neste reino significa, portanto, peregrinação histórica, movimento e obediente prontidão frente ao futuro”<sup>5</sup>. Desta forma, o que se aguardava como promessa, e, portanto, esperado pelo *apocaliptismo* judaico-cristão, apresentava-se agora, já cumprido?

No Brasil, o neopentecostalismo é dirigido por uma organização leiga, tendo em vista que aqueles que se inserem na hierarquia das Igrejas neopentecostais são proibidos de passar por

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE, B. S.; CORTES, R. J. M. Espírito Santo: caminho da liberdade: elementos de pneumatologia da libertação em Basílio, Gutiérrez, Boff e Codina. *Pós-Escrito*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 3-20, 2012. p. 4.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE; CORTES, 2012, p. 27.

<sup>3</sup> MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 28.

<sup>4</sup> PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*, v. 3. Santo André, SP: Academia cristã, 2000. p. 698.

<sup>5</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3. ed. ver. atual. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. p. 273.



formação teológica tradicional. Essa é uma questão a ser discutida uma vez que assumem comandos religiosos e nem passam pela formação de teólogo. Isso está relacionado a acreditarem que são *ungidos de Deus*<sup>6</sup>. Assim, acreditam que são autoridades espirituais uma vez que foram capacitadas por Deus para seguirem o ofício de pastores das Igrejas neopentecostais. Esses pastores têm uma habilidade de fazer proliferar os membros de suas igrejas cooptando fiéis de uma forma muito eficiente através de diálogos, de maneira bastante informal, conversando assim como *amigo ou amiga*, através das promessas de riqueza, saúde e prosperidade para quem for fiel a esse deus de mercado econômico.

Pretende-se mostrar que a TP é puramente imediatista e visa somente ao lucro financeiro. Assim, percebemos que ela não é processual, nem visa a reflexão e muito menos a transformação. Os aspectos referentes à rejeição do estudo da Teologia tradicional demonstram a fragilidade de sua organização sistemática como também sua insuficiência teológica, uma vez que sua falta de crítica impede o diálogo com outras religiões e com outros líderes religiosos. Observa-se também que a TP é contraditória à Teologia da Gratuidade, uma vez que na Bíblia encontramos os ensinamentos de uma Teologia da Cruz que, por sua vez, prega a gratuidade, e não visa o lucro como visa a TP. Aspectos centrais também dizem respeito ao fato de não haver correlação entre a TP e a Teologia bíblica, porque a TP acaba por fazer uma leitura distorcida dos ensinamentos bíblicos, não encontrando respaldo bíblico na construção sistemática de sua teologia.

Na obra de Moltmann, a fé é transpassada pela esperança assim como a esperança é transpassada pela fé. Uma vez que os homens abandonam projeções, ídolos e tabus, eles conseguem encontrar o caminho da esperança, que seria a finalidade da teologia e da escatologia. Entra aqui a dimensão histórico-salvífica de Jesus que ascende para uma compreensão escatológico-soteriológica de sua missão.<sup>7</sup>

Ao colocar a escatologia como esperança, Moltmann afirma que “ela toma seu ponto de partida em uma determinada realidade histórica e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura”<sup>8</sup>. Assim, estaremos contemplando “[...] um Deus que olha com infinito respeito à autonomia de suas criaturas e cuja ação consiste em afirmá-las com um amor incondicional.”<sup>9</sup> As implicações desse respeito a nossa autonomia não só sugerem a possibilidade do livre-arbítrio, que está associado à maturidade psicológica, como também da natureza humana de Deus. Assim, a esperança não seria algo que se adiciona a fé, ou que se anexa a ela, mas o outro lado da fé mesma, na medida em que ela se compreende como fé cristã.<sup>10</sup>

Para Moltmann, nossa fé se alimenta da esperança em Deus, que é “aquele que vem” (Ap 4,8): “nós vivemos no tempo do advento de Deus”.<sup>11</sup> De acordo com a definição cristã, a

<sup>6</sup> Cf. HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p.395-397.

<sup>7</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 144.

<sup>8</sup> MOLTSMANN, J. *El Dios Crucificado: la cruz de Cristo como base y critica de toda teologia cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1975. p. 30.

<sup>9</sup> TORRES, A. *Fim do cristianismo pré-moderno*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 248.

<sup>10</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 53.

<sup>11</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008. p. 13.



escatologia aborda Jesus e seu futuro; conhece a realidade da ressurreição de Jesus e anuncia seu futuro.<sup>12</sup> Mais ainda do que a fé, é a esperança cristã que está direcionada para contemplar e fruir o cumprimento da promessa de Deus. A esperança pergunta à sua própria maneira pelo entendimento do porquê e do quê da sua esperança<sup>13</sup>. A esperança nessa vinda significaria o movimento do amor de Deus ganhando espaço na vida, na morte e na ressurreição de Jesus, para a qual fomos chamados e encontramos a nossa salvação.<sup>14</sup>

A ressurreição de Cristo seria, assim, uma antecipação da glória futura prometida desde os profetas, glória que já estaria consumada em Cristo, fonte de toda a esperança como uma plenitude escatológica.<sup>15</sup> Pois a esperança da cristandade é uma esperança rememorada, escatológica: uma anti-história contra a morte e uma anti-imagem contra o ato violento da crucificação. A memória torna presente e assegura a esperança, e a esperança mantém o passado presente.<sup>16</sup> De acordo com Moltmann, o amor é a práxis do reino vindouro de Deus e de sua justiça neste mundo. Assim, a consequência desse movimento de Deus em direção à humanidade e a toda a criação, compreendido por nós neste trabalho como o futuro de Deus, pode ser visualizada de forma concreta a partir do conteúdo do Reino de Deus. Reino que, segundo E. Schillebeeckx, vem a ser Deus.<sup>17</sup> As promessões de Deus, porém, não devem ser concebidas “historicamente apenas porque sucederam na história e necessitam ser interpretadas de maneira sempre nova na história, mas também porque inauguram uma determinada história”.<sup>18</sup> Moltmann diria que os cristãos que seguem a missão de Cristo seguem igualmente a Cristo no serviço do mundo.<sup>19</sup> Sua mensagem sobre o Reino de Deus, de acordo com o testemunho da tradição sinótica, estava presente no centro de sua vida.<sup>20</sup>

A TP é adotada de uma forma notória por grupos cristãos neopentecostais que adotam princípios similares aos aspectos mecânicos da Teologia da Retribuição, que surgiu antes da TP. A TP se desenvolve a partir de um funcionamento mecânico apresentando um deus acionável e subserviente. Assim, a TP parte do princípio da fidelidade a Deus, tendo em vista que quem for fiel prosperará. Em obras de um dos principais nomes do neopentecostalismo no Brasil, Edir Macedo, relata-se claramente que quem não pagar o dízimo não será abençoado e assim cairá em desgraça. Diante disso é possível perceber as relações existentes entre a TP e uma busca desenfreada por riqueza, se contrapondo aos ensinamentos bíblicos e não encontrando respaldo na teologia tradicional.

Moltmann é um dos teólogos mais respeitados e influentes do mundo contemporâneo. Seu trabalho teológico é muito expressivo. Ele é uma das figuras mais representativas da teologia protestante contemporânea, depois de grandes líderes anteriores como Barth, Cullmann,

---

<sup>12</sup> MOLTSMANN, 2008, p. 31-32.

<sup>13</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 53.

<sup>14</sup> Cf. KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*, v. 1. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 389-390.

<sup>15</sup> Cf. TORRES, A. Q. *Repensar a revelação: a revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 253-255.

<sup>16</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 57.

<sup>17</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, 2007, p. 150.

<sup>18</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 90.

<sup>19</sup> MOLTSMANN, 2005, p. 407.

<sup>20</sup> Cf. O Reino de Deus. In: EICHER, P (dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 765-767. p. 767.



Tillich e Bonhoeffer.<sup>21</sup> Moltmann é de confissão cristã reformada, nascido em 18 de abril de 1926 na cidade de Hamburgo, Alemanha.<sup>22</sup> Aos dezessete anos, após ver a sua cidade destruída em julho de 1943, foi convocado para o *front* alemão como soldado recém-incorporado. Depois de seis meses em guerra, foi feito prisioneiro e levado ao campo de prisioneiros<sup>23</sup> de Northon Camp<sup>24</sup>. Essas experiências foram extremamente dolorosas para Moltmann, causando-lhe muito sofrimento e lhe sugerindo que a condição humana é marcada pela ausência de perspectivas, mas repleta de desesperança.

Para Moltmann, a esperança é uma questão fundamental nos dias de hoje. Ele acredita que no fim de tudo está Deus. A história, interpretada como promessa redentora, pode ser lida como uma manifestação de Deus enquanto futuro por vir. Assim, a finalidade da existência humana é, para Moltmann, a espera na *Parusia*<sup>25</sup>, pois “no fim estará a nova criação de Deus (Lc 21, 28; Ap 21, 1), prometida e confirmada na história de Jesus Cristo”<sup>26</sup>. Através da esperança, a *Parusia* libertaria a humanidade de todo sofrimento.

A esperança só seria possível, segundo Moltmann, através da maturidade cristã, estado de espírito capaz de desviar o ser humano das ilusões e das desesperanças do mundo. Estar em paz com Deus, conseqüentemente, seria estar em desarmonia com o mundo. “A verdadeira esperança perscruta além dos horizontes apocalípticos de nosso mundo moderno, vendo a nova criação de todas as coisas no reino da glória de Deus”.<sup>27</sup>

A lógica do mercado que a TP segue tem um viés puramente socioeconômico, uma vez que ela se fundamenta nos valores do mercado, ou seja, ela parte do princípio do enriquecimento. Isso pode ser observado também na TR (Teologia da Retribuição) que antecede à TP, mas cabe ressaltar que a TR também parte de lei mecânica, segundo a qual, se o ser humano fizer o bem, ele receberá o bem de volta. Mas na TR Deus é inacessível e austero, já na TP Deus é acionável e subserviente, mostrando que essas leituras que a TP faz da bíblia estão relacionadas à forma de economia presente na atualidade que é o neoliberalismo.

A TP acredita em outra concepção de Deus que a Teologia tradicional rejeita. A TP parte da inversão de papéis no que diz respeito às relações entre o Ser humano e Deus, uma vez que Deus está a serviço das pessoas e não mais o contrário, onde o Ser Humano estaria a serviço de Deus. E vem a ser justamente essa inversão de papéis que contribui para o surgimento do neopentecostalismo, ao passo que essas igrejas neopentecostais criaram uma nova forma de religião, uma vez que sua pregação cristã não tem nenhum respaldo bíblico. Essa leitura teológica permite acreditar na subserviência de Deus e assim se desenvolver uma teologia baseada numa proposta neoliberal, na qual os únicos interesses são a riqueza, saúde e

<sup>21</sup> MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século XX*. v. 2. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 28.

<sup>22</sup> KUZMA, C. A. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da teologia da esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009. p. 446.

<sup>23</sup> Nas traduções brasileiras feitas das obras de Moltmann, sempre se traduz que ele esteve preso em campo de concentração, mas, na verdade, a tradução correta seria campo de prisioneiros.

<sup>24</sup> KUZMA, 2009, p.446.

<sup>25</sup> Parúsia: segunda vinda de Jesus Cristo.

<sup>26</sup> MOLTSMANN, J. *A Fonte da Vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 130-140.

<sup>27</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 47.



prosperidade, fazendo assim, uma manipulação de concepção de deus com finalidades puramente lucrativas, colocando esse deus do mercado a serviço do ser humano.

Neste artigo, partimos do princípio em que não há uma continuidade entre a Assembleia de Deus e o Neopentecostalismo, por tratar-se de Teologias divergentes. Já pesquisadores como Gaede Neto<sup>28</sup> acreditam que o surgimento da TP no Brasil está relacionado ao surgimento das igrejas Assembleia de Deus em Belém do Pará, em 1910, como também a Congregação Cristã do Brasil em São Paulo, em 1911. Já nas décadas de 1950 e 1960 começam os movimentos da TP no Brasil trazidos pelos missionários norte-americanos, surgindo a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, em 1955, e também a Igreja do Evangelho Quadrangular, na década de 1960. Justamente nesses momentos começaram conflitos entre Igrejas pentecostais que deram vazão ao surgimento das igrejas neopentecostais não denominacionais, como a Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor, em 1961<sup>29</sup> e, a mais expressiva nesse meio, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Questões importantes a serem observadas são as diferenças entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, mas também suas particularidades em comum, porque ambos surgiram de movimentos de retorno à fé cristã nos EUA. Neste projeto, discordamos de uma suposta continuidade entre as duas teologias mencionadas; já Gaede Neto acredita que não há ruptura, e sim, uma continuidade entre as duas estruturas teológicas.

Já outros pesquisadores como Ricardo Mariano definem que houve uma ruptura entre as duas Teologias na década de 1970, o momento histórico dessa ruptura, e assim dando surgimento ao neopentecostalismo. A TP

[...] penetrou em muitas igrejas e ministérios para-eclesiásticos, em especial: Internacional da Graça, Universal, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Verbo da Vida, Nacional do Senhor Jesus Cristo, Adhonep, CCHN, Missão Shekinah<sup>30</sup>.

Os Pastores neopentecostais acreditam que foram agraciados com o poder da Cura e, portanto, eles têm o dom de curar as pessoas. Um ponto fundamental de suas mensagens está relacionado às questões referentes à prosperidade. Mas também o processo de cura e exorcismo está se tornando uma mensagem muito atrativa que capta um número cada vez mais significativo de fiéis.

[...] estabelece conexões com o ideário das massas sob influxo da cultura do consumo plasmada pela mídia. Paralelamente, num nível mais profundo, vai ao encontro do irracionalismo reinante (atávico à chamada pós-

<sup>28</sup> Cf. GAEDE N, R., Teologia da prosperidade e diaconia. In: GAEDE N., R.. *et al. Teologia da prosperidade e Nova Era*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, 1998. p.9.

<sup>29</sup> Cf. GAEDE, 1998, p.9.

<sup>30</sup> Cf MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 156-157.



modernidade?); ao mesmo tempo contempla a tendência atual para o fundamentalismo religioso<sup>31</sup>.

Um aspecto importante é em relação ao fato de que ao longo da história do cristianismo houve movimentos legítimos de cura amparados na Bíblia, o que não inibiu inúmeras fraudes. Nos anos 70 esse movimento ganhou expressão no cenário evangélico dos EUA, “o Movimento de Cura” permanecia nos moldes dos avivalistas, até que surgiu no cenário evangelístico o norte-americano, Kenneth Hagin”<sup>32</sup>.

Kenneth Hagin desenvolveu algumas ideias centrais referentes ao estabelecimento de sua teologia pessoal do *Rhema Bible Training Center*, que assumimos ser a TP, e que se divide em três aspectos centrais: 1) autoridade espiritual; 2) bênçãos e maldições da Lei; e 3) confissão positiva.

A questão da autoridade espiritual está relacionada aos ungidos por Deus nos dias atuais e cujos ungidos são os porta-vozes de Deus. O próprio Hagin relata ter tido uma revelação de Deus: “[...] dou graças a Deus pela unção de profeta [...] reconheço que se trata de uma unção diferente [...] é a mesma unção, multiplicada cerca de cem vezes”<sup>33</sup>.

O segundo aspecto central é referente às bênçãos e à Lei<sup>34</sup> que diz que as pessoas que passaram pela experiência da conversão pessoal é que estão plenamente libertas das maldições da lei de toda a sorte possível, como problemas de ordem financeira, de saúde e prosperidade. Mas somente quem está liberto, segundo a TP, são as pessoas que foram curadas pelos ungidos por Deus, que são os pastores neopentecostais.

O terceiro ponto e último trata da confissão positiva que, por sua vez, tem raízes históricas no esoterismo. A confissão positiva faz uma leitura tendenciosa da Escritura, que se assume numa espécie de fórmula da fé que, como Hagin, acredita ter recebido de Deus, e assim bastaria seguir e almejar o que desejarmos que sermos agraciados com nossos pedidos. Mas isso se apresenta como mais uma prova da distorção que a TP faz das leituras da Escritura, uma vez que, como Hagin descreve:

1) “Diga a coisa” positiva ou negativa, tudo depende do indivíduo. De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá. Essa é a essência da confissão positiva; 2) “Faça a coisa”. Seus atos derrotam-no ou lhe dão vitória. De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá; 3) “Receba a coisa”. Compete a nós a conexão com o dínamo do céu. A fé é o pino da tomada. Basta conectá-lo. 4) “Conte a coisa” a fim de que outros também possam crer. Para fazer a confissão positiva, o cristão deve usar as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico, em lugar de dizer: peço, rogo, suplico; jamais dizer: “se for da tua vontade”, pois isto destrói a fé<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> Cf. BITTENCOURT, J. F., Crescimento dos Evangelhos: notas a propósito do CIN. *Revista Tempo e Presença*. v. 14. n. 264. 1992. p. 55.

<sup>32</sup> Cf. GONDIM, R *O evangelho da nova era*. 6. ed. São Paulo: Abba, 2001. p. 21.

<sup>33</sup> Cf. HAGIN, K., *Compreendendo a unção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1983. p. 7.

<sup>34</sup> Cf. HAGIN, K., *Redimidos da miséria, da enfermidade e da morte*. Rio de Janeiro: Graça Editorial [197?].

<sup>35</sup> Cf. HAGIN, [197?], p. 78-94.



No início da obra “Teologia da Esperança”, Moltmann faz importantes afirmações sobre a redescoberta da escatologia como também a inefetividade dessa descoberta. Apesar das conclusões de “[...] Schweitzer desprovidas de qualquer referência teológica e filosófica e assim se juntando a todas as imagens liberais do séc. XIX [...]”<sup>36</sup>, também abrem espaço para um grande giro da escatologia, onde ocorre a destruição do escatologismo após 2000 anos sem *Parusia*, mas também abrindo precedentes para discutir a escatologia de um ponto de vista transcendental, aspecto que vai estar presente ao longo de toda obra de Moltmann. O próprio Moltmann comenta na “Teologia da Esperança” que toda a teologia após Schweitzer passa a sentir a necessidade de ser escatologia. Ou seja, Moltmann relata que a teologia que não for escatologia não será considerada cristã.

Já Ernst Kasemann teve um importante papel na consolidação da Teologia de Moltmann, uma vez que as suas pesquisas sobre o Jesus Histórico mostram que toda tentativa de chegar ao Jesus Histórico acabam por somente chegar ao *Kerigma* da Igreja primitiva. Faz também importantes afirmações quando tenta construir uma ponte entre a primeira escola do Jesus Histórico e a teoria de Rudolf Bultmann, demonstrando que Cristo sempre foi interpretado pela fé ao longo da história por meio do relato e da experiência religiosa. Ao longo das obras de Moltmann há importantes referências a Kasemann, tais como “Da participação na Ressureição não se fala no tempo perfeito, mas no tempo futuro.”<sup>37</sup>

Assim, acreditamos que essa ponte entre a primeira busca e a escola bultmanniana permite dar sustentação para o fato de que Deus experimenta a nós, podendo ser observado na capacidade divina de sofrer, pois, para que seja possível o sofrimento divino, faz-se necessário que Deus tenha uma natureza também humana, que pode ser observada no ato de servirmos ao nosso semelhante, como também experimentamos Deus, tanto quanto ele nos experimenta por meio de nossa experiência de fé, assim como por meio do relato da experiência religiosa, tendo em vista que “A realidade da nova vida fica de pé ou cai, com o *promisio* de que Deus permanecerá fiel e não abandonará a sua obra.”<sup>38</sup>

Corroborando com Moltmann, o Reino representará o revelar pleno da Criação e essa plenitude se dará na escatologia.<sup>39</sup> E, portanto, a reflexão antropológica em escatologia pode se reconhecer com uma função limitada, pois tal realidade depende de Deus e não do ser humano.<sup>40</sup> Deus é que vem ao nosso encontro; Deus que se faz presente e que se aproxima; Deus que nos promete um futuro em que se possa reinar o amor, a justiça e a paz.<sup>41</sup>

Na mesma direção do pensamento de Moltmann, Bento XVI abre a sua Encíclica *Spe salvi* afirmando que somos salvos pela esperança.<sup>42</sup> Acreditamos que Deus é o sentido pleno da nossa vida, e que não pode ser preenchido por nada que não ele próprio.<sup>43</sup> “Assim, o verdadeiro presente nada mais é do que a eternidade imanente no tempo. É preciso, portanto,

<sup>36</sup> MOLTSMANN, 2005, p. 29.

<sup>37</sup> KAESEMANN, E. apud, MOLTSMANN, 2005, p. 184.

<sup>38</sup> KAESEMANN, E. apud, MOLTSMANN, 2005, p. 184.

<sup>39</sup> Cf. PANNENBERG, 2009, p. 553.

<sup>40</sup> PANNENBERG, 2009, p. 567.

<sup>41</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, 2007.

<sup>42</sup> Cf. BENTO XVI. *Spe salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>43</sup> Cf. AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*. I, 1,1.



reconhecer no brilho do temporal e do passageiro, a substância nele imanente, ‘o eterno que está presente’<sup>44</sup>. Destacamos:

Cristo cumpre a função de confirmar a promessa universal de Deus; mas o cumprimento dessa promessa encontra-se ainda no futuro e só pode ser apreendido na esperança, da mesma forma que o futuro de Cristo ainda permanece aberto. Eis porque a fé deve transformar-se em esperança, pois, fora da promessa ela não tem nada em que apoiar-se e que possa olhar retrospectivamente.<sup>45</sup>

Originalmente, a ausência de sofrimento era considerada uma das mais altas virtudes tanto entre deuses quanto entre humanos, o que, para Moltmann, fazia os antigos religiosos creditarem “a Deus uma natureza perfeita, não acessível ao mal, ao sofrimento e à morte; era, portanto, autossuficiente, bastava a si mesmo”.<sup>46</sup> No entanto,

Deus revela o seu poder na impotência; a sua onipotência é simultaneamente sofrimento ilimitado; a sua eternidade supratemporal não é rígida imutabilidade, mas movimento, vida, amor que se comunica a si mesmo ao distinto dele. Por isso, a transcendência de Deus é ao mesmo tempo a sua imanência; o ser Deus de Deus é a sua liberdade no amor.<sup>47</sup>

Ao aceitarmos que Deus também tem uma natureza humana, tal impotência divina demonstra sua falibilidade, humanidade e fragilidade, fraquezas diante das quais a psicanálise pode prestar grande contribuição. Então, “a união de Cristo com o Deus de seu amor e de sua paixão nesse rompimento da unidade só é mantida por esse ‘porém’ em que ele supera a si mesmo: ‘porém, não se faça a minha vontade, mas a tua’”.<sup>48</sup> Ou seja, “o *homo sympatheticus* deveria ser trazido ao campo da força do *pathos* de Deus e ao sofrimento de Cristo, onde formações de padrões condenam o homem a uma vida de apatia.”<sup>49</sup> Isso é uma crítica “[...] à ideia da divindade que se caracterizava como a *suprema apatia*, estando acima de necessidades e impulsos.”<sup>50</sup>

Como solução proposta por Moltmann, a maturidade deve passar pela compreensão do amor divino.<sup>51</sup> Para ele, Deus é amor e, enquanto amor, ele não é um Deus insensível ao sofrimento humano, como já vimos. Enquanto amor, ele se adapta à sua criação e se entrega totalmente. A onipotência divina, assim, não seria uma onipotência enquanto insensibilidade e sim quanto passividade, revelada na entrega de Cristo diante da crucificação<sup>52</sup> – que, como já destacamos, concede o significado mesmo de ser cristão.

<sup>44</sup> MOLTSMANN, 2005, p. 43.

<sup>45</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1989. p. 96.

<sup>46</sup> Cf. MURAD, A. *Este cristianismo inquieto*, p. 30.

<sup>47</sup> KASPER, 1989, p. 207.

<sup>48</sup> MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1996. p. 36.

<sup>49</sup> MOLTSMANN, J. 1975, p. 365.

<sup>50</sup> MOLTSMANN, J. *Paixão pela vida*. São Paulo: ASTE, 1978. p. 12.

<sup>51</sup> Cf. BLANK, R. J. *Deus na história: centros temáticos da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 263.

<sup>52</sup> Cf. KITAMORI, Kazoh. *Teologia del dolor de dios*. Salamanca: Sígueme, 1975. p. 199-206.



Moltmann questiona a perspectiva de desamparo humano, defendendo que a vivência da fé e da religião apenas cumpriria um papel estabilizador do indivíduo em suas relações inumanas, “pelo fato de criar para a interioridade humana o ambiente que, fora, ela não encontra”.<sup>53</sup> Entretanto, a principal crítica de Moltmann é a de que o desamparo e o abandono vivenciados pelos seres humanos também seria vivenciado por Deus. Moltmann acredita que, para além da ilusão, existe um Deus que tem compaixão pelo sofrimento humano, e argumenta que:

Se ele [Deus] tem a capacidade de amar a outro, então se abre ao sofrimento que lhe é proporcionado pelo amor desse outro, e coloca-se acima da dor que daí nasce em virtude do seu amor. Deus não sofre como sofre a criatura, por **carência de ser**. Nesse sentido, sim, ele é **impassível**. Mas sofre em seu amor (*caritas est passio*), que outra coisa não é senão a superabundância do seu ser. Nesse sentido, ele é **passível**.<sup>54</sup>

Assim, entendemos que a revelação de Deus em Cristo é fundamentalmente a renúncia de ídolos e de poder. Consequentemente, Deus nos ampararia ao abandonar-se em nosso sofrimento por amor à humanidade. Portanto, a perspectiva de Moltmann constitui uma severa crítica à perspectiva freudiana da religião, tendo em vista que é a compreensão humanizada de Deus que nos humaniza. A única onipotência em Deus é, portanto, a onipotência do seu *amor padecente*, revelado radicalmente na cruz de Cristo.<sup>55</sup>

Moltmann acredita que a verdadeira religião mostra que a experiência de maturidade cristã é transpassada por uma libertação psíquica que nos garante o livre-arbítrio e, conseqüentemente, nos permite entrar em harmonia com Deus no mundo de hoje. Conseqüentemente, nos permite encontrar na fé em Cristo as respostas para a crise de sentido da religião e da fé cristã. Assim,

Nas experiências do Espírito, apercebemo-nos de um relacionamento mais íntimo que o Criador e criatura, e também que o de pai ou mãe com o filho. É a comunhão íntima de um habitar recíproco: Deus de modo divino em nós, e nós de modo humano nele (Jó 4: 116). Na comunhão do Espírito Santo, o eterno Deus participa de nossa vida mortal, enferma e deficiente, e nós participamos da eterna vida de Deus.<sup>56</sup>

Segundo Moltmann, Deus não se caracteriza por ser uma válvula de escape para o desamparo humano, onde Deus não passaria de uma forma criada pelos seres humanos para suportar a crise de sentido existencial e a solidão diante da finitude humana. Assim, Deus “não é um ‘poder celestial frio’, nem ‘trilha o seu caminho sobre cadáveres’, mas é conhecido como o Deus humano no Filho do Homem crucificado”.<sup>57</sup> Então, “se Deus é amor, então ele não apenas prodigaliza o amor, mas também espera o amor e dele necessita: o seu mundo deve ser o seu lar. Nele ele deseja morar”.<sup>58</sup>

<sup>53</sup> MOLTSMANN, 2005, p. 378.

<sup>54</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 37.

<sup>55</sup> Cf. KITAMORI, 1975, p. 199-206.

<sup>56</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 75.

<sup>57</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 284.

<sup>58</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 111.



## CONCLUSÃO

Nos dias atuais, o avanço da TP não pode não ser observado, tendo em vista o número crescente de igrejas neopentecostais que adotam o princípio de um Deus Cristão diretamente vinculado às questões de prosperidade, uma vez que ser bem sucedido financeiramente requer a aprovação de um deus acionável e subserviente. Assim, surgem questionamentos sobre as diferenças existentes entre a TP e a conhecida Teologia da gratuidade encontrada na Bíblia. As dúvidas recaem sobre a leitura que a TP faz da Bíblia, ao passo que não assume a gratuidade e sim a negócios, saúde e riqueza. Diante disso, pretende-se contribuir com os aspectos que se contrapõem à TP a partir da Teologia da Cruz, tendo em vista que são Teologias contraditórias.

Nossa crítica parte do pressuposto de que Cristo é Deus e homem, demonstrando sua humanidade e, portanto, justamente por sua manifestação em nossas vidas, percebemos que Deus se manifesta em nosso sofrimento, não sendo uma figura apática e insensível ao sofrimento. Segundo Ênio Mueller,

Na pessoa de Jesus Cristo temos um duplo aspecto, como a teologia cristã tem reconhecido desde sempre e o belo hino de Fp 2. 5-11 expressa de forma inigualável. Sendo Deus, Jesus esvaziou-se assumindo forma humana e assumindo em si mesmo a condição humana de pecado, até as últimas consequências, a morte na cruz. Temos assim, em Jesus Cristo, o próprio Deus assumindo sobre Si o drama humano: sofrendo os efeitos do pecado até a morte, e ressuscitando ou sendo ressuscitado depois para a vida eterna.<sup>59</sup>

Jesus é entendido, simultaneamente, como o Deus que se esvazia de poder, que assume o caminho da cruz no mais profundo desamparo, e também como o homem que retrata a autêntica humanidade, em um desamparo amparado. Portanto, concordamos com Moltmann ao assumir que a ressurreição não esvazia na cruz<sup>60</sup>, mas a preenche de significado.<sup>61</sup> A partir dessa perspectiva, percebemos que a relação com o Pai não é mais marcada pela onipotência, mas pela entrega e solidariedade no abandono, ou seja, a relação não é mais marcada pela disputa da onipotência, não é mais medida e orientada pelo narcisismo e pela privação enquanto renúncia de instintos exigida pelo Deus da ilusão com vista a uma retribuição enquanto justiça final, mas pela analogia.

<sup>59</sup> MUELLER, E. R. "Espelho, espelho meu...": reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 37, n. 1, p. 5-27, 1997. p. 8.

<sup>60</sup> Cf. TAMEZ, Elza. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>61</sup> Cf. MOLTSMANN, 1975.



## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, B. S.; CORTES, R. J. M. Espírito Santo: caminho da liberdade: elementos de pneumatologia da libertação em Basílio, Gutiérrez, Boff e Codina. *Pós-Escrito*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 3-20, 2012.
- ANDRADE, S., SINNER, R. V., (Orgs.). *Diaconia no contexto nordestino*. S. Leopoldo: Sinodal, 2003.
- ANSELMO de Aosta. *Por que Deus se fez homem?* São Paulo: Novo Século, 2003.
- BABUT, É. *O Deus poderosamente fraco da Bíblia*. Direção de Fidel Garcia Rodríguez. São Paulo: Loyola, 2001.
- BARTH, G. *Ele morreu por nós: a compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BAYER, O. *Viver pela fé: justificação e santificação*. Tradução de Ênio R. Mueller. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BENTO XVI. *Spe salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição Rev. e Ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BITTENCOURT, J. F., Crescimento dos Evangelhos: notas a propósito do CIN. *Revista Tempo e Presença*. v. 14. n. 264. 1992.
- BLANK, R. J. *Deus na história: centros temáticos da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. v.1. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- BOFF, Leonardo. *A cruz nossa de cada dia: fonte de vida e de ressurreição*. Campinas: Verus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A graça libertadora no mundo*. 3. ed, Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A Santíssima Trindade: é a melhor comunidade*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Trindade e a Sociedade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1988.
- BONHOEFFER, D., *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, G. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, R. *Prepare-se para a guerra*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1998.
- CALVINO, J. *A verdadeira vida cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.
- CAMPOS JR. L. C., *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.
- CARAVIAS, José L. *Fé e Dor: respostas bíblicas diante da dor humana*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- CESAR, W. & SHAULL, R. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs – Promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHO, P. Y. *A quarta dimensão*. Editora Via, Miami, Flórida, 1983.
- DUQUOC, Christian. *Dios diferente*. Salamanca: Sígueme, 1978.
- \_\_\_\_\_; et. al. *Teologia de la cruz: la cruz de Cristo como base y critica de toda teologia cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1979.
- ESCOBAR, S. *The New Global Mission: The Gospel from Everywhere to Everyone*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2003.
- FORRELL, George W. *A ética da decisão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1994.



- FORTE, Bruno. *A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A Trindade como história: ensaio com o Deus cristão*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Trindade para ateus*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- GAEDE N, R., Teologia da prosperidade e diaconia. In: GAEDE N., R.. *et al. Teologia da prosperidade e Nova Era*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, 1998.
- GARCIA RUBIO, A., A experiência da gratuidade na vida cristã. *Síntese Nova Fase*. Belo Horizonte. v.2. n.4. Jul/Set., 1975.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GONDIM, R., *O evangelho da nova era*. 6. ed. São Paulo: Abba, 2001.
- HAGIN, K. *O extraordinário crescimento da fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, [197?].
- \_\_\_\_\_. *Redimidos da miséria, da enfermidade e da morte*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, [197?].
- HANEGRAAFF, H. *Cristianismo em crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- HUNT, D. *Escapando da sedução: retorno ao cristianismo bíblico*. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite, 1995.
- KASPER, W. *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Sígueme, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Jesus el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1989.
- \_\_\_\_\_.; SCHILSON, A. *Cristologia: abordagens contemporâneas*. Coleção Jesus e Jesus Cristo, nº 6. São Paulo: Loyola, 1990.
- KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática, v. 1*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 389-390.
- \_\_\_\_\_. *La resurrección de Jesus: aspecto bíblico y sistemático*. Salamanca: Sigueme, 1989.
- KITAMORI, Kazoh. *Teologia del dolor de dios*. Salamanca: Sigueme, 1975.
- KÜNG, Hans. Las religiones como pregunta a la teología de la cruz. In: DUQUOC, Christian; et. al. *Teologia de la cruz*. Salamanca: Sigueme, 1979.
- KUZMA, C. A. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da teologia da esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009.
- LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LANDERS, John. *Teologia Contemporânea*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LUTERO, Martinho. *Da liberdade do cristão*. São Paulo: UNESP, 1998.
- MACEDO, E. *A libertação da teologia*. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993
- \_\_\_\_\_. *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Orixás, caboclos & guias deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.



- \_\_\_\_\_. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Vinda de Deus*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *El Dios Crucificado: la cruz de Cristo como base y critica de toda teologia cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1975.
- \_\_\_\_\_. *El lenguaje de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Esperanza y planificación del futuro*. Salamanca: Segue me, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Paixão pela vida*. São Paulo: ASTE, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3. ed. ver. atual. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MONDIN, Batista. *Curso de filosofia*. São Paulo: Paulus, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Os grandes teólogos do século XX*. v. 2. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MUELLER, E. R. “Espelho, espelho meu...”: reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 37, n. 1, p. 5-27, 1997.
- MURAD, A. *Este cristianismo inquieto: a fé cristã encarnada*, em J. L. Segundo. São Paulo: Loyola, 1994.
- OLIVEIRA, P. R. F. de; TABORDA, F. *Karl Rahner 100 anos: teologia filosofia e experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*, v. 3. Santo André, SP: Academia cristã, 2009.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RHODEN, I. L., *A experiência de humana de Deus como experiência de graça e de liberdade – Reflexão baseada na teologia de K. Rahner*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SOARES, P. S., *Iniciativa de Deus e co-responsabilidade humana*. Teologia da graça. Paulinas: São Paulo, 2004.
- STORNIOLO, I., *Como ler o Evangelho de Lucas: Os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulinas, 1992.



- TAMEZ, Elza. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- TILLICH, P.. *Teologia sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- TORRES, A. Q. *Fim do cristianismo pré-moderno*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Recuperar a salvação*. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Repensar a revelação: a revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.
- TOURAINÉ, A. *Após a crise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- TOURNIER, P., *Culpa e graça – Uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho*. São Paulo: ABU, 2000.
- VERGOTE, A. *Processos psicológicos – vergonha, sentimento de culpa – e sentido bíblico do pecado, em particular em Romanos 7*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- WACKER, M-T. O Reino de Deus. In: EICHER, P (dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 765-767.

Recebido em: 18/04/2018  
Aprovado em: 26/06/2018